

## 4. Nótulas acerca dos dados materiais

*“We are coming now rather into the region of guesswork,” said Dr. Mortimer.*

*“Say, rather, into the region where we balance probabilities and choose the most likely. It is the scientific use of the imagination, but we have always some material basis on which to start our speculation. (...) [Sherlock Holmes]”*

A. CONAN DOYLE (1902) — *The Hound of the Baskervilles.*

Seguindo os critérios metodológicos expostos noutro capítulo, passo a apresentar os resultados dos questionários efectuados, assim como as minhas leituras, podendo ser verificadas nas matrizes em anexo. Entretanto, convirá referir a escolha assumida para apresentação desses resultados: os materiais do Pombal foram tratados separadamente dos restantes espólios recolhidos, devendo-se isso, sobretudo, à sua amostragem estatisticamente significativa face às restantes. Também, na estatística, se procurará referir sempre os valores absolutos apresentando as respectivas percentagens entre parênteses. Isto, porque, por vezes, o uso preponderante da percentagem tende a mascarar a realidade.

Como se poderá aferir ao longo da leitura dos resultados, não foi possível aceder a muitos materiais do Pombal. Por exemplo, 3 eventuais agulhas em osso, apontadas por J. Arnaud (Apêndice 4) não foram detectadas.

Genericamente, em Pombal, pode verificar-se uma maioria de elementos de tear, seguidos da pedra polida e recipientes (Gráfico 1). Os percutores revelaram-se próximos dos valores dos últimos artefactos, sendo a pedra lascada e elementos de moagem os grupos mais reduzidos.

## 4.1. As cerâmicas

---

### 4.1.1. Os recipientes

No sítio do Pombal foi recolhido um mínimo de 100 recipientes, 21 (21%) dos quais não deram forma, 30 (30%) deram forma sem cálculo de diâmetro, restando 49 (49%) com uma reconstrução suficiente. Deste último grupo apenas 14 peças provieram do MNA e 35 das prospecções efectuadas. De acordo com o apontamento de J. Arnaud, existirão mais recipientes, mas eu não os detectei. Com certeza, se compararmos estes valores notamos um desequilíbrio bastante elevado face aos instrumentos de pedra polida ou aos elementos de tear. Contudo, foi este o universo que se pôde alcançar.

Além do Pombal, apenas os sítios de Santo António 3 (SANT3) e Cabeça de Vaiamonte (VAIA) forneceram material cerâmico com um número mínimo, respectivamente: de 17 recipientes, 6 (35%) sem forma, 4 (24%) com forma e 7 (41%) em que foi possível calcular o diâmetro; e, de 2 taças, com bordos almendrados, com cálculo de diâmetro. É possível que a Cabeça possua mais elementos cerâmicos calcólíticos. Contudo, face à enorme dimensão da colecção restrinjo-me àquelas peças cedidas por Carlos Fabião que, recentemente, efectuou um estudo daquele espólio centrado na ocupação sidérica/romana (Fabião, 1998).

Nas formas (Quadro 1-4, Fig. 1-9), a taça é a mais numerosa (36/46%), seguida pelo vaso (21/27%) e o prato (18/23%). Os potes resultam minoritários (3/4%) e os vasos carenados são residuais (1/1%) — a esta última morfologia poderia juntar outra carena sem forma (FIG. 8: 7), sem que isso alterasse a sua situação. Todavia, ainda que a presença residual da carena possa estar conforme os valores habituais num contexto de calcólítico pleno, acredito que o número reduzido dos potes se deva bastante ao menor perímetro do seu bordo, face às formas abertas, condicionando as probabilidades da sua recolha, algo apontado por M. Calado (1995, p. 106), ainda mais quando estão sujeitos aos inevitáveis fenómenos tafonómicos. De qualquer forma, se juntarmos as formas abertas, pratos e taças, estas assumem a maioria, o que é a situação corrente em ocupações do Neolítico final — Calcólítico (Silva e Soares, 1976-77; Gonçalves, 1989; Enri-

quez Navascués, 1990; Calado, 1995, p. 105; Dias, 1996, p. 89), podendo os de maior diâmetro estar associados ao consumo colectivo de produtos agrícolas (Nocete, 1989 *apud* Calado, 1995, p. 106) face à crescente importância dos cereais (Calado, 1995, p. 106).

Quanto ao espessamento do bordo, o Quadro 5 resume os resultados, podendo apontar-se a tendência para as formas abertas se apresentarem com essa característica, situação apontada por outros autores (Enríquez Navascués, 1990, p. 115-117; Calado, 1995, p. 108), ainda que essa vantagem não seja tão marcada nas taças. Os vasos pendem para bordos sem espessamento e a amostragem dos potes não permite grandes ilações acerca da sua posição.

A amostragem de SANT3 é ainda mais parca (FIG. 9): das 11 peças com forma, uma (9%) é um prato, 5 (45%) são taças e outras 5 (45%) são potes, estando ausentes os vasos. O prato apresenta um bordo almendrado (ainda que a peça SANT3(98)05, apesar de danificada, poder ser, também, um prato almendrado), 4 taças surgem sem espessamento e uma com esse atributo. Todos os potes têm bordos espessados.

Precisando o tipo de espessamento das taças este tende a apresentar um lábio convexo, o que, seguindo a sugestão de M. Calado (1995, p. 109) apontaria para um Calcolítico pleno. A reafirmar uma cronologia plena, saliente-se ainda a presença de pratos com bordos almendrados, na sua totalidade com lábios de largura média.

A direcção dos bordos das taças sem e com espessamento tende a ser direita ou ligeiramente extrovertida, o que também parece ocorrer nos pratos onde se registam bordos direitos e com tendência para a extroversão, mesmo entre os almendrados. Os vasos seguem os grupos anteriores, mas para os potes o pendor não é claro. Assim, ainda que com uma amostragem pouco significativa, a inclinação para uma certa horizontalidade do bordo, entre o Neolítico final e a Idade do Bronze, referida por F. Nocete (*apud* Calado, 1995, p. 111) parece ocorrer, contrariando a tendência inversa apontada por M. Calado (1995, p. 111) nas formas abertas simples para a região de Serra d'Ossa. Os dois únicos pratos de Vaiamonte permitem também pressentir a mesma inclinação do Pombal.

Nas 51 peças em que foi possível calcular o diâmetro obtiveram-se os seguintes resultados: Pratos com uma média de 304 mm, as taças com 253 mm, os vasos com 263 mm, resumindo-se os potes e o vaso carenado a, respectivamente, 150 mm e 156 mm. Em SANT3 o prato almendrado tem 312 mm de diâmetro, a média das taças é 233 mm e os potes têm 286 mm de média.

Das 8 peças, do Pombal, em que foi possível reconstituir a quase totalidade da forma, calculou-se o índice de abertura (IA) com os resultados apresentados no Quadro 6. O índice de profundidade (IP) foi aferido apenas para 5 peças (Quadro 6).

A espessura das paredes dos recipientes centrou-se na sua maioria entre os 6-15 mm (Quadro 7), tendência seguida em SANT3 (Quadro 8) e VAIA.

Na sequência de um ensaio que Manuel Calado vem efectuando para uma eventual dia-cronia dos recipientes carenados (informação pessoal), registei ainda a espessura das duas carenas em presença, cingindo-se estas a 5 e 6 mm, não diferindo das dimensões das paredes, portanto sem espessamento.

A breve análise da pasta apontou uma concentração para pastas com consistência média (Quadro 9-10) e textura arenosa (Quadro 11-12). A cozedura é na sua maioria de tendência oxidante (Quadro 13-14).

O tratamento das superfícies interno e externo tende para o alisamento, ainda que as formas abertas possam apresentar peças com a superfície externa rugosa, talvez consequência da menor visibilidade desta e, portanto, menor preocupação por essa situação.

Não obstante, algumas taças têm uma qualidade bastante boa, quiçá reflexo de um eventual consumo de líquidos, como taças de beber (Gonçalves, 1989, p. 254; Dias, 1996, p. 201). As formas fechadas surgem com tratamentos, em ambas as superfícies, mais cuidados, comparativamente às formas anteriores.

Uma boa evidência da moldagem, à semelhança das peças apontadas por A. Dias (1996, p. 155-156), foi detectada na peça POMB(96)47 (Fig. 4: 11). Assim, se considerar a rugosidade das peças abertas na perspectiva da autora, então poderia aceitar a existência de outros recipientes moldados. Este pressuposto foi já salientado por M. Calado (1995, p. 106) que, ainda que não tenha conseguido determinar a natureza da moldagem, face à heterogeneidade das peças em estudo, sugeriu o uso de “*moldes de areia ou, depressões abertas no solo*” (M. Calado, 1995, p. 106). A. Dias (1996, p. 155) aponta um provável uso de bases de madeira ou de fibras vegetais, baseando-se nos achados do povoado de *El Malagón*, Almeria.

Outro aspecto que poderá denunciar uma função mais específica dos recipientes, é a presença em três pratos com bordos almendrados de perfurações nas paredes, imediatamente abaixo do bordo (Fig. 1: 9; 2: 6-7; 34: 1). Num deles regista-se a evidência peculiar de só à quarta tentativa o furo ter sido realizado com sucesso. Isso, porque quedaram na peça as outras tentativas falhadas (Fig. 34: 2). Considerando as dimensões destes recipientes, poderíamos supor a necessidade de estes serem suspensos para um uso comunal, daí resultando estes vestígios. Claro está, assumindo que as perfurações seriam simétricas, pressuposto referido anteriormente por outros autores (Silva e Soares, 1976-77, p. 197). Por outro lado, o facto de os furos serem realizados após a cozedura da peça, coloca a hipótese destas terem sido redireccionadas na sua função social. Ou então, são simplesmente gatos de reparação duma qualquer fractura (Dias, 1996, p. 159).

Também poderíamos apontar uma solução prática para os poucos recipientes mamilados registados, mas esta qualidade foi considerada como elemento decorativo.

#### 4.1.1.1. A decoração dos recipientes cerâmicos

O número de recipientes do Pombal com decoração é bastante reduzido (5 exemplares), mesmo se somarmos os 5 fragmentos campaniformes (correspondentes a 4 vasos), o que totaliza 9 peças num universo mínimo de 100 peças (9%). Portanto, poderia frisar ao aliamento dos recipientes como uma preferência estética destas populações.

Resumem-se a dois, os recipientes com mamilos eventualmente funcionais (Fig. 34: 3), sendo um deles, uma taça (Fig. 4: 5), e outro, um vaso (Fig. 7: 3). De qualquer forma esta distinção artificial não deverá iludir, pois o grau de inclinação das paredes de ambos não dista muito. De acordo com J. Arnaud (Apêndice 4) existiam no MNA cerca de 20 “*vasos com bojos mamilados*” do Pombal, o que actualmente não se confirma.

A outra peça com mamilos (Fig. 10: 3; 37: 3), estes certamente mais simbólicos do que funcionais, não permitiu atribuir uma forma. Assim, presumo que pertencesse aos vasos ou potes, mas sem compromisso. O fragmento desta peça é constituída por 9 (mais arranque de outro) mamilos, tendo sido colados à parede do recipiente, cozido em ambiente oxidante. Em Perdigões (Reguengos de Monsaraz) há indicação de “*aplicações em cadeia ou isoladas de mamilos ou “pastilhas”*” (Valera, 1998, p. 87).

Em Santo António 3 também surge um pequeno mamilo perfurado (FIG. 9: 12), mas é difícil orientar o fragmento, pelo que não é possível dizer se esse furo é vertical ou horizontal.

Relativamente à decoração incisa, registam-se dois recipientes: um deles resume-se a um fragmento sem forma reconstituída, ainda que presuma ser fechada, onde se avista um pequeno troço de decoração penteada ondulada (Fig. 10: 2; 37: 2). Ainda que existente no Sul, por exemplo nos Perdigões com um padrão vertical ou horizontal (Valera, 1998), é sem dúvida em regiões mais setentrionais que encontramos os paralelos estilisticamente mais próximos. Primeiramente na região da Beira Baixa, uma área de transição entre os mundos do Sul e do Norte (Vilaça, 2000, p. 171) e em Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge et al., 1998-1999, Fig. 8, 11-12).

A outra peça, um vaso (Fig. 10: 1; 37: 1), apresenta-se quase completa na sua reconstituição. Apresenta duas bandas delimitadas por sulcos paralelos, preenchidas por duas filas de motivos espinhados em cada. Uma vez mais, ainda que se registre no Sul, por exemplo em Casbarra, região d'Ossa (Calado, 1995, Est. 13.3) ou Perdigões (Valera, 1998), é para Norte que registamos as maiores similitudes, nomeadamente no Castro de Santiago, Guarda (Valera, 1997, p. 84-85).

Da pequena amostragem disposta é interessante realçar a tendência para a decoração se apresentar em recipientes fechados, algo já apontado por outros autores (Valera, 1997, p. 81-82). Assim, as superfícies exteriores prestam-se como suporte para a decoração, registando-se como atitude oposta uma desatenção pela qualidade das superfícies dos recipientes abertos, com as excepções referidas acima.

Curiosamente, as duas últimas peças decoradas referidas apresentam pastas com cozedura redutora, o que as distingue claramente, para além da decoração, da maioria de pastas de trato oxidante. Algo que, como se constatará abaixo também ocorre com as cerâmicas campaniformes, estas normalmente consideradas de prestígio.

As cerâmicas campaniformes sofreram já uma primeira tentativa de enquadramento regional, sobretudo no Alto Alentejo (Boaventura, 2000b). Optei, então, por registar as suas características estilísticas, morfológicas e tecnológicas (Albergaria, 1998, p. 108) pois, como foi salientado *supra*, é impossível a sua relação contextual com o restante espólio.

As peças números 997.28.174 e 176, juntamente com aquela (997.28.175) apontada por J. Arnaud, tinham já sofrido o processo de lavagem e catalogação no ano de 1979, por alguém que as referenciou como do Pombal, sem que tenha sido possível confirmar quem.

A existência de materiais campaniformes do Pombal não foi esquecida visto que, depois da referência de Heleno (1962), Thomas Bubner (1979) voltou a referir essa presença, mas sem nunca ter efectuado o estudo e publicação dos mesmos. Aliás T. Bubner poderia ter sido quem iniciou a sua catalogação, mas é apenas uma suposição passível de ser ou não confirmada.

Considerando o número de cerâmicas campaniformes do Pombal realçamos a sua percentagem reduzida: estão inventariados os 5 fragmentos, perfazendo um número mínimo de 4 recipientes (Fig. 36), no universo total de 100 contentores cerâmicos, isto é 4%.

Os fragmentos cerâmicos não permitiram a reconstituição de formas e as suas orientações no desenho revelaram-se difíceis (Fig. 11). Contudo, é possível que pertencessem a vasos acampanados.

Os motivos decorativos são na sua totalidade baseados na incisão (tipo “Cienpozuelos”), aplicada em diferentes temáticas. Nenhum fragmento apresenta decorações nas faces internas.

997.28.174 – Apresenta uma banda de, pelo menos, onze linhas ou sulcos horizontais e paralelos. É curioso verificar que, numa das extremidades do fragmento, se detecta a intrusão de três sulcos que rasgam três das caneluras eliminando o paralelismo. Um

dos lados desta banda é delimitado por pequenos sulcos perpendiculares. Pasta com consistência (*Pc*) média e textura (*Pt*) homogênea; a cozedura (*Cz*) é de tendência redutora, ainda que apresente a face exterior oxidante; as superfícies externa (*Se*) e interna (*Si*) são polidas.

997.28.175 – São evidentes três bandas juntas, indiciando-se outra separada, da qual se detecta apenas uma linha em ziguezague. Uma banda apresenta 6 sulcos paralelos, seguida por uma banda de pares de pequenos sulcos perpendiculares, delimitada por outro sulco, a que se seguem, pelo menos, quatro linhas paralelas em ziguezague. *Pc* friável e *Pt* arenosa; *Cz* – tendência redutora; as *Se* e *Si* são polidas.

997.28.176 – Três bandas, uma delas apenas indiciada por uma linha em ziguezague. É seguida por uma banda de pequenos sulcos perpendiculares, surgindo outra com quatro sulcos paralelos. Do outro limite desta última banda saem três linhas oblíquas, paralelas, que parecem delimitar pelo menos duas linhas em zig-zag, ainda que tenham sido incisadas mais acentuadamente. *Pc* média; *Pt* xistosa; *Cz*- tendência redutora; *Se*- aliçada; *Si*- polida.

997.80.85-86 – Dois fragmentos que pertencerão ao mesmo recipiente. O fragmento 997.80.85 apresenta pelo menos duas bandas: uma com 5 sulcos paralelos, seguida por outra de, pelo menos, três linhas paralelas. No fragmento 997.80.86 apenas se vislumbra a banda com apenas três sulcos paralelos. Ambos os fragmentos apresentam os sulcos preenchidos com uma espécie de pasta branca (?) — contudo, conhecendo as características geológicas do sítio em questão, esta pretensa pasta branca poderá ser apenas o resultado da precipitação de calcite, o qual surge noutros materiais (ex: cerâmicas lisas, elementos de tear, machados, percutores, etc.). *Pc*- média; *Pt*- xistosa; *Cz*- tendência redutora; *Se/ Si*- polida.

Até meados da década de 90, as informações acerca de cerâmicas campaniformes no Alto Alentejo acusavam uma quase ausência destas. Dos primeiros vestígios conhecidos, a escavação da Anta Grande das Casas do Canal (Leisner, 1955) será o único bom exemplo funerário contextualizado, ainda que numa posição secundária face a anteriores e posteriores usos do monumento. Os restantes vestígios pecam pela falta de contextualização, caso do sítio do Pombal ou, pelas dúvidas que os materiais apontados como campaniformes colocam — casos das antas de Cabeço da Anta 2 (Isidoro, 1971 e Bubner, 1979) e Estremoz 10 (Bubner, 1979) ou de Vale Carneiro 1 (Leisner, 1985; Bubner, 1979). Dos trabalhos antigos posso ainda apontar a possível existência de campaniformes no Castelo de Pavia (Correia, 1921; Calado, 1995; Rocha, 1996). Todavia, segundo informação pessoal de Leonor Rocha, esta autora coloca sérias dúvidas sobre a atribuição campaniforme aos recipientes em questão.

Nos últimos anos alguns trabalhos de investigação têm dado a conhecer a presença de cerâmicas campaniformes no Alto Alentejo (Mapa 10), sobretudo no actual distrito de Évora (Calado, 1995; Kalb et al., 1997; Lago et al., 1998). Por ora, destes trabalhos, aquele que mais se destaca é sem dúvida o povoado com “sistema defensivo” dos Perdigões (Lago et al., 1998). No entanto, já no povoado do Escoural os autores pensavam ter recolhido cerâmica campaniforme incisa (Gomes et al., 1983 e 1985), ainda que na opinião pessoal de Victor Gonçalves a dita cerâmica é parecida, mas não é campaniforme no sentido estrito do termo. No Porto das Carretas (Silva et al., 1992; e informação pessoal de C. T. Silva) têm surgido fragmentos campaniformes de estilo Marítimo ou Internacional, assim como um fragmento com decoração pontilhada (Internacional) no povoado de Monte da Ponte (Kalb et al., 1997; e informação pessoal de P. Kalb).

Os trabalhos de prospecção de Manuel Calado (1995) revelaram a presença campaniforme em Fonte Ferrenha, em Famão e, mais recentemente, no Geodésico da Terrugem



(informação pessoal de M. Calado). Carlos Fabião (1996) apontou a presença Calcolítica e a existência de uma ponta de projectil do tipo Palmela na Cabeça de Vaiamonte — contudo, ainda que este último artefacto seja normalmente associado ao “pacote” campaniforme tardio, suscita *per se* dúvidas quanto à sua cronologia calcolítica ou já num momento de um Bronze pleno, que só podem ser esclarecidas com um contexto bem definido (Ruiz-Gálvez, 1998; Senna-Martinez, 1994a, 1994b).

Curiosa, é a presença de materiais campaniformes coincidir, eventualmente, com sítios de habitat com sistemas defensivos, restando saber se são contemporâneos dessas estruturas e, simultaneamente, também existirem habitats “fortificados” sem campaniforme...

Fonte Ferrenha, Famão e Terrugem não apresentam evidência clara da existência de estruturas defensivas, isto, talvez, porque ainda ali não foram realizados trabalhos de escavação. No entanto, surgem implantados em pontos altos com um bom controlo da paisagem. Quanto a Cabeça de Vaiamonte, ainda que registe idêntica topografia (Fabião, 1996) a dúvida permanecerá.

Face ao panorama exposto, o sítio de Pombal contraria a tendência, localizando-se num grande patamar, com um excelente domínio da paisagem, sobretudo para sul-oeste-noroeste sem terem sido detectados, até ao momento, quaisquer evidências de estruturas defensivas, exceptuando um eventual pequeno fosso circular, ainda sem uma associação clara com a ocupação pré-histórica.

Ainda que com “estruturas defensivas”, o povoado de Perdigões torna-se peculiar pela sua dimensão e implantação (Lago, 1998).

Considerando mais concretamente a área do actual distrito de Portalegre, os sítios com a presença campaniforme resumem-se ao Pombal e, talvez, à Cabeça de Vaiamonte — distante cerca de 4 km.

Quanto ao tipo de estilo campaniforme, poderíamos dizer que o estilo inciso surge com maior frequência, inclusive no Pombal, ainda que no Porto das Carretas e Monte da Ponte surja o estilo pontilhado Internacional. Nos Perdigões encontramos a presença dos estilos pontilhado, pontilhado/inciso e, sobretudo, o inciso. O único vestígio funerário seguro — Casas do Canal (Leisner, 1955) — apresenta também o estilo inciso. Esta tendência incisa, insinuando o estilo “Ciempozuelos” foi já apontada por Manuel Calado (1995, p. 112), indicando-a como um momento tardio, revelando as influências da Meseta, nada surpreendente se recordarmos a sua presença na vizinha província de Badajoz.

Na denominada Bacia Média do Guadiana, correspondendo grosso modo à província de Badajoz, os autores Enríquez Navascués (1990) e Vítor Hurtado (1984, 1995 e Hurtado e Amores, 1982; Hurtado e Enríquez, 1991) apresentam uma sequência para o Calcolítico da região baseada em alguns fósseis directores. Ao Calcolítico pré-campaniforme, segue-se o Calcolítico campaniforme, momento tardio deste período, onde surgem as ditas cerâmicas decoradas prenunciando a transição para a Idade do Bronze.

Dos 71 sítios atribuíveis ao período cronológico do Calcolítico, apenas foram detectados 13 com a presença de materiais campaniformes. Com estes 13 sítios, na sua maioria, pequenos fragmentos cerâmicos, a que devemos apontar as mesmas reservas colocadas para Pombal, é estabelecida uma diacronia, onde o campaniforme Internacional surge como um primeiro momento, a que se seguiriam os estilos Palmela e Ciempozuelos, prolongando-se este último até momentos do Bronze.

Procurando correspondência entre a presença campaniforme e a implantação dos sítios, esta parece contrariar a leitura efectuada para o Alentejo. A maioria situa-se em locais aplanados ou em colinas suaves sem aparente preocupação por estruturas defensivas

ou pontos defensáveis, exceptuando *La Pijotilla* (com estruturas provavelmente defensivas semelhantes a Perdigões) e *Palacio Quemado* (com muralha evidenciada em escavação); suspeita-se ainda da provável existência de muralha em *El Pedrosillo*. Contudo, a implantação em pontos altos detecta-se em *El Alagón* (onde apenas foi recolhida à superfície uma ponta de seta de tipo Palmela, o que suscita dúvidas similares à Cabeça de Vaiamonte), *Cerro Cabril* e *Traseras de la Pepina*, presumindo-se alguma preocupação pelo controlo do território envolvente.

Desta breve tentativa de enquadrar os materiais campaniformes do Pombal, num âmbito regional, verifiquei a quase ausência de registos na área em questão, o que me parece mais a consequência da falta de estudo nela, do que uma realidade confirmada. Neste sentido, as recentes escavações no distrito de Évora trouxeram à luz novos dados, até há alguns anos impensáveis.

Também os estudos efectuados em Badajoz demonstram que só é possível falar com alguma segurança após uma razoável sistematização regional. Ainda assim, com material pouco contextualizado e fragmentário.

No actual Alto Alentejo, distrito de Portalegre, o habitat do Pombal surge, por agora, como o único sítio onde se regista a presença de cerâmica campaniforme.

Com os poucos dados disponíveis pressinto algumas tendências: coincidência de habitats melhor defendidos/material campaniforme; presença de campaniforme inciso mais frequente... Contudo, por enquanto, são só pressentimentos.

Se recordarmos as várias centenas de monumentos megalíticos conhecidos nas regiões abordadas, sobretudo no Alentejo, muitos deles usados no Calcolítico, a presença de cerâmicas campaniformes em ambientes funerários é escassa.

A cronologia apresentada pelos diversos autores tende quase sempre a ser relativa, funcionando a presença campaniforme, normalmente, como fósil director para um momento tardio do Calcolítico, sobretudo nos estudos de Badajoz. Contudo, um tratamento recente das datas absolutas disponíveis para o campaniforme da Estremadura e Sudoeste veio demonstrar que é possível recuar a presença de cerâmicas campaniformes para momentos de um Calcolítico pleno — 1ª metade do III milénio a.C. (Cardoso e Soares, 1997), algo que já Senna-Martinez (1994a) prenunciava quando apontava meados do III milénio para a Beira Alta. Para a região do Alto Alentejo (sobretudo do Alentejo Central) há que esperar pelas datações absolutas dos trabalhos mais recentes atrás referidos.

Também, a distinção entre os estilos Internacional (mais antigo), Ciempozuelos (mais recente) e Palmela tem sido usada para o estabelecimento de uma diacronia longa (Harrison, 1977). Contudo, há que levantar algumas reservas acerca desta tendência tardia para o “Ciempozuelos”, pois ainda não está totalmente demonstrado esse dualismo cronológico com a cerâmica campaniforme de estilo Internacional (Soares e Silva, 1977; Martínez Navarrete, 1989; Cardoso e Soares, 1997).

Outra questão importante, constantemente apontada por Enriquez Navascués (1990) é a presença minoritária da cerâmica campaniforme. No Alto Alentejo só com o estudo dos Perdigões (Albergaria, 1998) surge quantificada a presença relativa e deveras reduzida deste tipo de cerâmica, algo que ocorre no Pombal e noutros sítios referenciados.

Assim, a apresentação das cerâmicas do Pombal demonstra que para se compreender melhor esta “moda” cerâmica e/ou “pacote” campaniforme na região do Alto Alentejo se deverá incrementar ali o seu estudo. Haja mais investigação acerca dos períodos Calcolítico e Bronze e haverá mais registos de cerâmica campaniforme na região, com certeza, sempre minoritária.



#### 4.1.2. Os elementos de tear

*Little did ancient peoples suspect that the garbage they so readily discarded would one day be resurrected by these scientific rag-and-bone merchants. Had they suspected, they might have taken better care of things, and attached some handy labels to explain the objects and what they did with them. As they didn't archaeologists have to try to figure it all out for themselves. (BAHN, 1999, p. 5)*

Os “pesos de tear” são peças extraordinariamente mudas, como já não há muitas. (DINIZ, 1994, p. 142)

Lino da Silva (1953 e 1955) designava estas peças como pesos de rede, interpretação registada no inventário então realizado. Mas, actualmente, “peso de tear” tem sido a designação “consensual” utilizada para aquele tipo de peças, associadas à tecelagem, normalmente distinguidas em placas e crescentes (Diniz, 1994). As placas apresentam-se num formato mais rectangular ou quadrado, mais ou menos espessas (Fig. 12-14; 16; 38-43), enquanto os crescentes recebem o seu nome da forma em U, mais ou menos aberto (também apontada como arciforme ou em forma de arco), com espessuras variáveis (Fig. 15-16; 41-43). No entanto, talvez uma designação mais neutra evite a tendência de muitos investigadores para as adscrever, literalmente, a uma função de esticar os fios da urdidura graças ao seu peso. Assim, tomando em conta a questão de M. Diniz (1994, p. 142), “*pesos ou elementos de tear?*”, passarei a referir-me a estas peças como elementos de tear (*et*) pois, como se verá, poderá ter havido peças com uma função, de facto, de peso, mas outras não.

Os elementos de tear do Pombal totalizam 314 peças, 30 delas provenientes da prospecção efectuada por mim (incluindo-se algumas doações de Elias Peixe) e as restantes recolhidas nas campanhas da “Era Heleno”. Todavia, J. Arnaud indicava no seu apontamento cerca de 200 + 200 peças, propriamente placas e crescentes (Apêndice 4).

Como já foi referido aquando da validação de proveniência, alguns dos fragmentos existentes no MNA colavam, verificando-se 5 colagens de pares de fragmentos, pelo que o universo final reduziu-se a 309 peças. No caso dos **Outros** elementos de tear, 28 peças são da Cabeça de Vaiamonte (VAIA) — mais o fragmento 997.79.15 que cola com 997.79.14 — e 3 de Santo António 3 (SANT3), perfazendo um total de 31 artefactos.

As placas e os crescentes do Pombal apresentam quantidades próximas, respectivamente 162 (52%) e 147 (48%). No entanto, quando verificamos a sua condição, os crescentes apenas apresentam 2 peças inteiras contra 30 placas, o que limitou a abordagem possível das primeiras. A isto poderá não ser alheia a morfologia das respectivas peças, pois a forma em arco dos crescentes torna-os mais susceptíveis de quebrar.

Os elementos de tear de **Outros** apresentam uma maioria de crescentes (21/68%) contra apenas 10 (32%) placas. De salientar que em Santo António 3 apenas se recolheram 3 placas, pelo que a maioria dos elementos de tear da Cabeça de Vaiamonte são crescentes.

No Pombal, a secção transversal dos crescentes tende a ser maioritariamente ovalada (92/63%), seguida pela circular (34/23%) e, finalmente, a poligonal (20/14%). Nas peças em que foi possível medir as espessuras ou diâmetros transversal (*dt*) e paralelo (*dp*) das secções em, pelo menos, um ponto distal e outro mesial, verifica-se uma tendência para a área mediana ser mais grossa, apresentando-se a espessura paralela mais reduzida, portanto com tendência ao achatamento. Infelizmente, só com uma amostra de peças mais completas seria possível extrapolar mais além. As mesmas tendências ocorrem nos elementos de tear de **Outros**.

Ainda referente aos diâmetros, é-nos apontado por M. Diniz (1994, p. 138) os valores de 10-20 mm e por A. Valera (1998, p. 102) 10-30 mm, os quais se aproximam daqueles registados por mim. Contudo, pelo facto de ter pretendido anotar 3 medidas de cada peça (3 transversais e 3 paralelas), apenas me é permitido registar uma certa concordância com os autores referidos (visto estes não indicarem em que ponto da peça efectuaram a medição) — os diâmetros transversais rondam os 12-30 mm (nos **Outros** 9-26 mm) e os diâmetros paralelos 8-20 mm (nos **Outros** 8-17 mm).

As arestas das placas apresentam-se sobretudo vincadas (119/73%) contra apenas 43 (27%) peças arredondadas. Esta tendência regista-se nos elementos de tear **Outros**, respectivamente 8 (80%) e 2 (20%).

A espessura das placas foi agrupada em 4 classes (Gráfico 2), verificando-se que a maioria (87/55%) se queda entre os 10-14 mm, seguida de 47 (30%) placas entre os 15-19 mm. O valor menor é de 5 mm e o maior de 24 mm. Generalizando, poderia apontar uma certa concentração entre os 10-20 mm de espessura (85% das placas), o que se aproxima dos valores de 9-30 mm, apontados por M. Diniz (1994, p. 138) ou das medições indicadas para as placas paralelipédicas do povoado dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz (Valera, 1998, p. 102-104), de 10-20 mm. As placas da Cabeça de Vaiamonte aparentam tender para uma menor espessura (dos 7 fragmentos, 6 apresentam-se com 8-14 mm) e, das três de Santo António 3, mais espessas, duas ingressam na classe 15-19 mm e uma na classe 20-24 mm (com 22 mm).

O comprimento e largura das placas variam, respectivamente, entre os 51-103 mm e os 16-60 mm. Uma vez mais, tanto os dados de M. Diniz (1994, p. 138), respectivamente com 50-120/130 mm e 20-60 mm, assim como os de Perdigões, com 80-120 mm e 20-40 mm (Valera, 1998, p. 102) parecem, aproximadamente, concordantes. Todavia, ainda faltam registos detalhados desses materiais, pelo que, por ora, apenas os IE e IA, resultantes destas medições demonstrem alguma utilidade na distinção regional.

Os IE e IA das placas não destacam grupos nesta amostra, apontando-se apenas os intervalos: IE — entre 10-21 ; IA — entre 33-53 (Gráfico 3). No entanto, quando comparamos esses resultados com aqueles do exercício efectuado por A. Valera (1997, p. 89-90), sobre pesos de tear da Beira Alta e Trás-os-Montes face a pesos da Estremadura (Gráfico 4), torna-se possível verificar o quão distintas se tornam estas peças entre as três grandes áreas, sendo as peças do Pombal as mais reduzidas — haja mais medições e melhor definição teremos dessa realidade. Por ora, saliento apenas a pequenez das placas do Pombal e, provavelmente, daquelas do Alentejo/Extremadura, isto é, genericamente, do Sudoeste Peninsular.

O reduzido tamanho dos elementos de tear reflecte-se no seu peso: estabelecidos 4 grupos, onde se inclui o elemento de tear da Cabeça de Vaiamonte (Quadro 15), o valor menor ronda os 10 gramas, sem que o mais pesado ultrapasse os 115 g. Os dois únicos crescentes apresentam valores de 25 e 65 g, não se distinguindo das placas — no entanto, estas também não se agrupam nitidamente. Aqui é necessário uma ressalva: como já foi referido, a balança utilizada arredonda os valores de 5 em 5 gramas — talvez essa seja uma razão para a dificuldade de destaque nas classes estabelecidas. Mesmo assim, é possível averiguar que os elementos de tear em questão apresentam pesos relativamente reduzidos. Infelizmente ainda que não seja possível comparar estas medições com as regiões atrás mencionadas por A. Valera (1997, p. 89-90), baseado nas medidas apresentadas, presumo que os pesos dessas peças sejam superiores. Isso, porque no estudo efectuado por S. Gomes (1998-1999, p. 38), sobre um conjunto de pesos de tear do Castelo Velho, num contexto Calcolítico definido, este aponta um peso médio de 360 gramas para os 16 medidos.

Se em relação aos crescentes podemos assumir que a regra dos 2 orifícios, um em cada extremidade, poderá estar correcta, no caso das placas estas perfurações podem ocorrer em número de dois ou quatro, respectivamente 1 + 1 furos ou 2 + 2 furos. Com certeza, haverá excepções, como por exemplo nos Perdigões, onde são apontadas placas com 1 + 2 furos (Valera, 1998, p. 102), em Castelo Velho de Freixo de Numão (Gomes, 1998-1999, p. 38) com 2 + 3 furos, ou na Casbarra, um crescente com 2 perfurações numa extremidade (Calado, 1995, Est. 12: 6). Portanto, não posso negar a possibilidade da existência de peças anormais, considerando que, apesar de assumir sempre um número idêntico de furos na extremidade ausente, algumas delas poderiam apresentar um valor ímpar. Ainda assim, arrisquei fazê-lo, apesar de tal ousadia poder ser rectificadada consultando a respectiva matriz, onde se registou a informação tal como ficou expressa na metodologia.

A maioria das placas apresenta 4 furos (106/65%) contra apenas 55 (34 %) com uma perfuração em cada extremidade. Observando a localização daquelas placas com 1 + 1 furo, 41 (75%) apresentam-nos centrados, contra apenas 14 (25%) com os orifícios descentrados face ao eixo longitudinal da peça, normalmente ocupando os cantos. As placas dos elementos de tear de **Outros** seguem as mesmas tendências.

Porque se apontam estes artefactos para uma função têxtil e considerando que estes seriam utilizados de acordo com parâmetros mais ou menos coerentes, essenciais ao correcto funcionamento da urdidura/trama, as distâncias entre orifícios nas extremidades e entre pares revelam-se, talvez, mais relevantes do que os próprios comprimentos ou larguras totais das peças. Como pormenor técnico, friso aqui que no caso de medições de pares (no caso das placas de 2 + 2 furos), foi sempre escolhido o valor mais baixo de cada parelha para a sua sistematização.

Acerca da distância entre furos das extremidades, a menor ocorria aos 35 mm e a maior aos 74 mm. Ao estabelecer 5 classes para esses valores verifiquei que a concentração ocorre entre os 40-69 mm (Quadro 16). A placa da Cabeça registou o valor de 52 mm. Nos dois únicos crescentes inteiros anotei as distâncias de 58 e 105 mm. Com base nestes últimos dados — ressalvada a insuficiência estatística dos mesmos — pode supor-se que os crescentes apresentem uma maior separação entre furos.

As placas com 2 + 2 furos apresentaram uma constância bastante acentuada entre os pares, perante as 4 classes estabelecidas (Quadro 17): 10-19 mm é a separação mais presente nos pares de furos (50/50%), seguida pela classe 20-29 mm (39/39%). Portanto, uma concentração entre os 10-29 mm. Para assegurar até que ponto esta assunção poderia ser apontada para ambos os pares de furos, nas 17 placas que se apresentavam inteiras foi possível verificar que as distâncias se repetiam, apesar de em dez delas ocorrer uma variação de 1-2 mm, o que não me parece relevante, considerando o factor “erro humano”, tanto durante o seu fabrico como na minha leitura.

No respeitante ao diâmetro dos orifícios, a maioria dos furos (179/70%) apresenta valores de 3-4 mm, seguidos daqueles com 1-2 mm (68/27%). Raros casos (9/4%) ultrapassam os 5 mm até um excepcional caso de 7 mm, numa placa. As placas de **Outros** seguem a tendência referida: 11 (55%) com 3-4 mm e 9 (45%) com 1-2 mm.

Como foi referido na metodologia, pretendia registar o desgaste visível dos orifícios. Infelizmente, tal tarefa revelou-se demasiado ambiciosa, extravasando em muito o âmbito monográfico deste trabalho. Além disso, há que ter sempre presente as seguintes questões: durante o fabrico a perfuração provoca inclinações nos bordos dos furos, o que poderá levar a enganos; as peças poderão ter sido reutilizadas por várias vezes provocando vários vestígios nos bordos dos orifícios; os processos de tratamento laboratorial dos materiais poderão ter produzido outros desgastes. Contudo, julgo possível enunciar algumas das minhas

impressões: os furos das placas parecem apresentar uma secção oblíqua de face a face, o que poderia resultar de uma tentativa de facilitar a inserção do fio usando uma determinada técnica; também, alguns dos desgastes resultam em posições opostas em ambas as faces, presumindo-se que o fio entraria de um lado do orifício de uma face, saindo no lado oposto da outra face; os furos dos crescentes ainda que se apresentem mais desgastados na direcção “vertical” das extremidades, também denunciam vestígios horizontais de uso. Concluindo este aspecto, julgo que deverá ser considerado com extremo cuidado face aos problemas levantados.

Os elementos de tear do Pombal apresentam, na sua maioria, pastas de consistência média (177/57%), seguida da compacta (71/23%) e friável (61/20%), situação semelhante para os **Outros** — consistência média (22/71%), compacta (5/16%) e friável (4/13%). Portanto, uma tendência geral destas peças para serem relativamente bem confeccionadas e resistentes. Todavia isso não implicou texturas coerentes, registando-se pastas homogéneas (111/36%), granulosas (90/29%), arenosas (88/28%) e em menor número as xistosas (20/6%) — nos **Outros**, homogéneas (19/61%), granulosas (7/23%) e arenosas (5/16%).

A cozedura destas peças revelou-se esmagadoramente com a tendência oxidante (299/97%) contra apenas 10 exemplares (3%) de tendência redutora. Nos **Outros** ocorre situação idêntica, respectivamente, 30 (97%) e 1 (3%).

As superfícies apresentam-se maioritariamente alisadas (299/97%), contra apenas algumas superfícies polidas (6/2%) e rugosas (4/1%), estas últimas, talvez, resultado de factores tafonómicos. Nos **Outros** todas as superfícies estão alisadas.

Com certeza, seria interessante verificar em rigor, nas qualidades das pastas, o que corresponde ao quê. Contudo, face ao tipo de origem dos materiais, as eventuais conclusões, pecariam sempre por um elevado grau de incerteza, que tornava esse esforço inadequado para o objectivo deste trabalho.

A decoração existente nos elementos de tear do Pombal e Cabeça de Vaiamonte utiliza como suporte a placa, resumindo-se, respectivamente, a 3 e 1 exemplares (uma clara minoria de peças), aplicando diferentes técnicas — peça 997.29.23 (Fig. 12: 5; 38: 3): impressa em ambas as faces; 997.80.49 (Fig. 13: 9; 40: 1); 997.79.17 (Fig. 16: 6): incisões com ou sem punção rombo. A temática da primeira peça apresenta-nos um aparente motivo solar digitado e uma canelura oblíqua, enquanto nas outras duas peças surgem motivos lineares emparelhados e em ângulos, talvez insinuando a urdidura. Esta insinuação, para decorações lineares de peças da Estremadura, já foi referida por outros autores (Diniz, 1994; Cardito Rollán, 1996).

L. Cardito Rollán (1996, p. 127) ao inventariar placas de tear com decoração, em sítios do Neolítico final — Calcolítico do Sudoeste peninsular e Estremadura, demonstra uma clara maioria de peças lisas, o que ocorre no Pombal. Naquelas peças que apresentam decoração, a sua temática tende a ser geométrica, com poucos casos de decoração figurada (Cardito Rollán, 1996, p. 127).

Perante o inquérito aos elementos de tear apresentados, julgo que é possível pressentir o seguinte: os elementos de tear do Pombal, de Cabeça de Vaiamonte e Santo António 3 e, talvez, em todo o Sudoeste Peninsular (quando houver estudos mais rigorosos sobre o assunto), poderão não ser pesos de tear. “*“Pesa de telar” definiría el elemento textil que permite mantener tensa la urdimbre [urdidura], mientras que “Placa de telar” tendría como función separar los hilos de la urdimbre en el telar*” (Cardito Rollán, 1996, p. 130). Ora, as características principais das placas do Pombal são as suas reduzidas dimensões e pesos e, simultaneamente, uma certa concordância formal de outros aspectos. O mesmo se poderia dizer dos crescentes (ainda que com menor segurança dos dados).

Portanto, a hipótese de L. Cardito Rollán, de as placas terem sido usadas em teares de cartões ou placas torna-se bastante pertinente. Baseando-se nos estudos de E. Barber (1991) e C. Alfaro Giner (1984), esta autora utiliza as reconstituições apresentadas para ilustrar a técnica. O tear de placas é um sistema simples, composto por placas (quadradas, retangulares, triangulares ou ovaladas) limitando-se o seu número à sua maneabilidade (Barber, 1991, p. 118 *apud* Cardito Rollán, 1996, p. 130). C. Alfaro Giner (1984, p. 86) acrescenta ainda que quantas mais placas maior a largura da tela produzida. O princípio fundamental deste mecanismo consiste na torção sobre si mesma da urdidura, tornando desnecessária a presença do liço (Fig. 17: 1 e 2). A revolução das placas será de um quarto de volta se estas tiverem 4 furos, de meia volta com 2 furos, um terço de volta com 3 furos, etc. (Alfaro Giner, 1984, p. 131).

Recentemente, abordando este assunto com o etnólogo Benjamim Pereira, numa aula de Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto (2000/11/21), sobre a possibilidade do uso das placas cerâmicas neste tipo de tear, este admitiu a hipótese com a ressalva de que só se obteriam estreitas faixas de pano.

Os padrões obtidos na técnica do tear de placas dependem apenas das quantidades implicadas: o número de placas, o número de furos por placa, o número de fios que passam por cada placa, a cor dos fios utilizados, a entrada por anverso ou reverso, e a direcção da volta que é feita para diante ou atrás (Alfaro Giner, 1986, p. 88-89).

Os teares de placas podiam apresentar várias soluções de funcionamento (Alfaro Giner, 1984, p. 86-87): a urdidura atada à cintura da tecedeira (Fig. 17: 3), com as placas paralelas aos fios da urdidura, sendo esta esticada pelos pés; a urdidura estaria fixa horizontalmente com estacas (Fig. 18: 1); e, verticalmente (Fig. 18: 2) — esta última hipótese causou-me algumas dúvidas, considerando que as placas, ainda que leves, seguiriam a lei da gravidade, tornando-se deveras complicado travá-las, mantendo-as no lugar. Isto é, as peças com 1 + 1 furos centrados não penderiam para nenhum dos lados, o que impossibilitaria travá-las. Todavia, aquelas peças com 1 + 1 furos descentrados, ou inclusive as peças com 2 + 2 orifícios, dada a sua inclinação poderiam, eventualmente suste-se por si próprias.

Se a função das placas poderá explicar-se pelo sistema acima exposto, os crescentes, pela sua forma inusitada, tornam-se mais enigmáticos. Como já referi várias vezes, estes surgem mais fragmentados, pelo que as medições se tornaram insuficientes. No entanto, considerando os aspectos registados, talvez pudesse apontá-los para a mesma técnica das placas, ainda que só devessem resultar em urdiduras verticais, em situação semelhante às placas com furos descentrados ou, talvez, de 4 orifícios. Para ambos os tipos de peças a sua utilização em teares de placas é plausível, podendo a fractura mesial ser o resultado desse uso.

Com certeza, desconhecem-se exemplos etnográficos de teares com placas em barro e somente em cartão e madeira, segundo informação de Benjamim Pereira. Também, no registo arqueológico, normalmente para a Idade do Ferro e período romano, apenas se salienta a ocorrência de peças em madeira e osso (Alfaro Giner, 1984, p. 87-88; Barber, 1991, p. 119), portanto mais leves e finas, resultado das respectivas matérias-primas. Talvez a relutância na aceitação do uso destas peças de barro num tear de placas se deva, sobretudo, a esta ausência no registo histórico e etnográfico. Contudo, a supor-se o seu uso como pesos, e face ao reduzido peso da maioria das peças, teríamos de imaginar uma grande quantidade de peças que poderiam, eventualmente esticar um fio por orifício, talvez mais, mas reduzindo-lhe a eficácia, ou provocando uma miríade de objectos dependurados, tornando-os quase(?) ingovernáveis.

Então, ao apontar os elementos de tear placas e crescentes, do Pombal, para os teares de placas, retiro-lhes a sua importância como pesos. Mas isso não significa que não existissem



tissem pesos de tear no Calcolítico — julgo que, com alguma probabilidade, a maioria das peças da Estremadura, Beira Alta e Trás-os-Montes denunciam, sobretudo, essa propriedade, visando esticar os fios da urdidura. No Alentejo também surgem alguns crescentes, normalmente designados “lúnulas” (Calado, 1995, Est. 48: 1; Valera, 1998, p. 102), que poderão ingressar nesse grupo, face ao maior peso que aparentam possuir. Contudo, não ocorrem nos casos analisados e, aqueles referidos, não estão suficientemente caracterizados. Só quando existir um *corpus* mais completo dos elementos de tear do Sudoeste poderá ser possível entendê-los com maior segurança. A título de exemplo, o estudo cuidado de dois conjuntos bem demarcados no sítio de Porto das Carretas (segundo informação pessoal de C. T. Silva), um de placas e outro de crescentes, poderá encaminhar-nos para uma eventual solução.

Por outro lado, ao indicar o tear de placas, isto não significa que não existissem teares horizontais e verticais. Infelizmente, como vários autores salientam (Alfaro Giner, 1984; Hodges, 1988; Barber, 1991) os materiais perecíveis utilizados na construção destes instrumentos não deixaram vestígios, excepto alguns buracos de poste e, quando utilizavam verdadeiros pesos de tear, peças pétreas ou cerâmicas furadas e alinhadas, associadas, ou não, aos primeiros vestígios.

O caso da estrutura ritual de Castelo Velho (Jorge et al., 1998-1999) chama ainda a atenção para o facto de nem todas as concentrações de pesos de tear poderem ser sinónimo de um local de trabalho em tecelagem. Aqui, entre outras situações, destaca-se uma deposição funerária de um indivíduo feminino associado a pesos de tear que se apresentam com características semelhantes. Assim, de acordo com S. Jorge, a presença dos pesos de tear “*confere a esta “estrutura mortuária” uma forte significação simbólica relacionada com a tecelagem*” (Jorge et al., 1998-1999, p. 44).

Mas, que tipos de têxteis poderiam ser confeccionados, partindo do conhecimento dos raros vestígios de tecelagem? Nesse aspecto, Alfaro Giner (1984) aponta para a época em estudo a existência comprovada do uso do esparto, do linho e da lã, ainda que esta última, durante a Pré-história, não devesse ser um produto tosquiado, mas simplesmente catado ou arrancado ao animal (Alfaro Giner, 1984).

Assim, ainda que possamos discutir a/s funcionalidade/s destes artefactos, julgo que eles têm vindo a ser, consensualmente, reconhecidos como uma evidência de uma determinada actividade artesanal — a tecelagem, fenómeno que se consolida no Sudoeste da Península durante o Calcolítico, associado à Revolução dos Produtos Secundários (Gonçalves, 1989, 1993 e 1999).

A necessidade de contextos bem definidos assume também extrema importância quando se procura atribuir uma cronologia. Aparentemente, existe uma permanência formal dos elementos de tear na Estremadura, Beira Alta e Norte de Portugal entre o Neolítico final — Calcolítico. Contudo, na área Sudoeste Peninsular deparamos com a coexistência de elementos de tear placas e crescentes, pelos menos em alguns sítios. Perante esta distinção morfológica alguns autores apontaram uma possível antecedência das placas (Silva e Soares, 1976-77; Calado, 1995, p. 117), o que torna a sugestão de M. Diniz (1994, p. 144) interessante e perspicaz: em habitats do Sul de Portugal onde se pode atribuir a ocupação humana ao Neolítico final e Calcolítico surgem ambos os tipos de elementos de tear; naqueles sítios com fundação calcolítica “*ex novo*” apenas surgem os elementos de tear crescentes (Diniz, 1994, p. 144). Mas, cada povoado deveria ser, em certo nível, permeável à entrada de novos membros; se admitirmos a exogamia, sobretudo de mulheres, aquelas que com maior probabilidade estariam associadas à tecelagem (Diniz, 1994), então, bastaria um determinado indivíduo feminino, originário dum grupo com origem no Neolítico final, inte-



grar-se noutra formado dentro de uma tradição calcolítica, para denunciar ambas as técnicas num mesmo sítio, sem o anterior significado, o que poderá afectar a distinção cronotipológica proposta.

No entanto, utilizando o pressuposto acima enunciado, poderia de forma genérica apontar-se uma fundação no Neolítico final para Santo António 3 e Pombal, situando-se Cabeça de Vaiamonte num momento mais avançado, no Calcolítico. Isto, apesar da presença de placas, ainda que minoritárias, neste último sítio. Contudo, as suas dimensões são mais reduzidas do que aquelas de Santo António 3 e de algumas de Pombal. Não será demais frisar, que tal leitura necessita de mais dados contextualizados e deverá ser encarada como uma simples hipótese.

#### 4.1.3. *Outros objectos*

Os restantes objectos cerâmicos recolhidos podem ser agrupados em artefactos e em resíduos da actividade humana.

No primeiro grupo, a peça 97.28.180 poderá ser um suporte de vaso (Fig. 8: 8; 35: 2), a exemplo daqueles registados no Sudoeste Peninsular, em contextos calcolíticos (Gonçalves, 1989, p. 253-254; Enríquez Navascués, 1990, p. 206; Valera, 1998 e 2000). Num âmbito mais simbólico, duas peças fragmentadas prenunciam a existência de um zoolomorfo e de um ídolo cilíndrico (Fig. 29: 1-2; 54: 4-5).

Num segundo grupo, a cerâmica de revestimento surgiu no Pombal em grande abundância, pressupondo a existência de habitações revestidas com argila. Outros dois fragmentos cerâmicos são algaravizes (Fig. 59: 3), denunciando uma possível presença de actividade metalúrgica — neste caso particular, sendo peças recolhidas à superfície, poderia argumentar-se que pertenceriam a outra época. Contudo, apresentam a típica pasta cerâmica calcolítica desta área, presente nos recipientes, o que permite alguma segurança na sua atribuição cronológica.

## 4.2. Os líticos

---

### 4.2.1. *A pedra lascada*

Ainda que reduzido, o conjunto de pedra lascada registou uma amostragem bastante abrangente (FIG. 30-31; 44-45). Todavia, optei por não efectuar percentagens, anotando apenas as presenças absolutas.

De um total de 54 peças, registei 5 núcleos (mais 2 seixos de quartzito com talhe); 35 lascas, 12 das quais com retoques, às quais poderei juntar 3 placas de xisto negro também com retoques; 3 lâminas retocadas, de sílex; 4 pontas de seta; um provável raspador; e, ainda que sem evidência de acção humana, um poliedro de cristal de rocha. Considerando a crítica das fontes apresentada, convirá salientar a falta de vários materiais do MNA: da contabilidade apresentada apenas 13 peças são do Museu — 10 lascas, um núcleo, um seixo talhado e o provável raspador. Algumas serão aquelas referidas por L. da Silva (1953 e 1955) e inventário constante do espólio de Heleno (Apêndice 3). Mas o que dizer do apontamento de J. Arnaud (Apêndice 4) com as 20 pontas de seta de base recta e uma de base côncava com aletas? Ou dos cerca de 15 fragmentos de lâminas de sílex? Pelo menos penso ter detectado uma ponta de seta...

Dos restantes dois sítios com pedra talhada, Santo António 3 e 6, recolhi, respectivamente, um núcleo em quartzo e, no outro sítio, 4 lascas, uma delas retocada, 1 raspador e 1 fragmento de lâmina.

Dos núcleos recolhidos, 4 eram de quartzo e os restantes de quartzito, dois deles sobre seixos (Fig. 31: 1; 45: 1).

As lascas distribuem-se em 11 de quartzo, 9 de xisto silicioso, 3 de sílex e uma de cristal de rocha. As lascas retocadas (Fig. 31: 2-6; 45: 2-3) apresentam as mesmas tendências; 4 de quartzo e de xisto silicioso, 2 de sílex, 1 de cristal de rocha e outra de quartzito. Resta ainda salientar as 3 placas de xisto negro, que só não considere verdadeiras lascas, porque a sua natureza só lhes permite surgirem naquela forma (Fig. 31: 4, 6; 45: 2).

Os 3 fragmentos de lâminas do Pombal (Fig. 30: 3-4; 44: 1), um mesial e dois distais, com secções trapezoidais, apresentam-se retocados. Saliente-se o facto das 3 lâminas serem em sílex. Curiosamente, a única peça encontrada fora deste sítio, em Santo António 6, um fragmento distal, é realizada sobre uma matéria-prima peculiar: uma rocha negra, com micro piritas, extremamente dura. Infelizmente, porque se encontra quebrada é impossível perceber qual o seu comprimento total, ainda que se imagine reduzido (Fig. 30: 1; 44: 2).

Das 4 pontas de seta, 3 são de xisto silicioso (dois avermelhados e um branco acinzentado) e uma de xisto negro. O retoque apresenta-se invasor, ainda que com uma maior abrangência nas peças siliciosas. Nos 3 projecteis que têm base, uma é recta, outra côncava e a restante levemente convexa (Fig. 30: 5-8; 44: 3; 45: 2).

Pelo já referido, para além de verificar os diversos objectos talhados, salienta-se também a variedade de matérias-primas. Assim, os materiais locais, o quartzo (18) e o xisto silicioso (16) surgem com maior predominância. Como material de “importação”, o sílex, apenas se regista em 9 peças. O xisto negro (4), o quartzito (4) e o cristal de rocha (3), ainda que, relativamente, mais fáceis de adquirir do que o sílex, não apresentam uma forte presença. Estas ocorrências coincidem com a leitura de M. Calado (1995, p. 119-120) para a região de Serra d’Ossa, a sul de Monforte, onde o sílex é substituído pelo xisto jaspóide (xisto silicioso) em momentos do Neolítico final — Calcolítico, ainda que algumas lâminas continuem a ser manufacturadas sobre sílex, e também com a tendência presente na bacia média do Guadiana (Enríquez Navascués, 1990, p. 216). Excepção, nestes dois exemplos, é a preponderância do quartzito face ao quartzo, em que o Guadiana terá providenciado facilmente a dita matéria-prima.

Em Santo António 6, para além das presenças de quartzo (2), quartzito (1) e xisto silicioso (1), surge-nos ainda uma lasca com retoque no mesmo material da lâmina já referida. Não muito distante, em Alfumar 1, também se recolheu um percutor deste material. Esta presença poderá dever-se ao filão férreo que existe junto destes dois sítios.

Pelo que já foi referido noutro capítulo, a presença de material lascado poderia ser maior, mas isso implicaria a “hercúlea tarefa” de buscar “agulhas no palheiro” do MNA, o que é/será um desafio e um alerta para mim e futuros investigadores do Museu.

#### 4.2.2. *A pedra polida*

##### 4.2.2.1. *Artefactos de corte e percussão*

As classes previamente estabelecidas viram-se reduzidas a três tipos de instrumentos — machados, enxós e martelos. Contudo, como adiante explanarei talvez algumas peças, muito poucas, possam enquadrar-se nas classes dos formões /escopros, sachos ou polidores.

Ao longo da análise dos vários atributos farei constar nos gráficos as peças indeterminadas (com X), assim como o número de peças onde não foi possível registar esses atributos (também com X).

Foram contabilizados 150 instrumentos de pedra polida (*ppo*) do sítio do Pombal, provenientes de três colecções distintas: 16 das escavações de M. Heleno, o que parece condizer com as notas de L. da Silva e J. Arnaud (vide capítulo *supra*), 85 da colecção particular de João Peixe (filho) e as 49 restantes recolhidas nas acções de prospecção efectuadas no âmbito do projecto COMONPH. Dos arredores do Pombal, contei ainda com 17 peças provenientes de 8 **Outros** sítios, 4 delas também da colecção de J. Peixe e as restantes (13) de prospecção. A análise estatística destas 17 peças foi efectuada separadamente. Dessas peças apresenta-se uma selecção (Fig. 19-23; 46-53)

Dos 150 instrumentos polidos, 69 (46%) apresentavam-se inteiros, contra 81 (54%) fragmentados. Imagem proporcionalmente semelhante regista-se no grupo dos **Outros** sítios, com 7 (41%) contra 10 (59%). Considerando o tipo de peça, os machados apresentavam 46 (49%) inteiros contra 48 (51%) fragmentados, e as enxós 14 (39%) contra 22 (61%), respectivamente. Esta proximidade, um pouco menor nas enxós, não confirma totalmente a ilação de J. Pereira (1999, p. 112-113), segundo o qual a fragmentação dos machados dever-se-ia ao uso específico com tarefas mais violentas, pois neste caso as enxós surgem, proporcionalmente, mais fragmentadas. A isto poderá não ser estranho o facto de estas tenderem para o delgado. Contudo, a fragmentação dos machados levanta a questão da representatividade: sendo usados em tarefas mais árduas, tenderiam a quebrar-se mais, obrigando a uma maior produção, descartando-se o artefacto inútil ou reutilizando-o noutras funções.

Como ficou explícito na metodologia, optei por uma classificação empírica das peças baseada sobretudo nos atributos do bisel do gume e na secção longitudinal. Com esses critérios identifiquei no Pombal 94 (63%) machados, 36 (24%) enxós e 8 (5%) martelos, restando ainda 12 (8%) peças indeterminadas, dada a sua fragmentação — uma dessas peças (polidor?), apesar de inteira, foi ali incluída, mas será debatida mais adiante. Os artefactos polidos **Outros** apresentam uma tendência semelhante: 10 machados (59%), 3 enxós (18%), 1 martelo (6%) e 3 indeterminados (18%).

Contrariamente aos estudos de Senna-Martinez (1989, p. 598) e A. Valera (1997, p. 121-122) onde as enxós parecem predominar, no Pombal os machados surgem em maior número. Contudo, julgo que esta situação dever-se-á a uma questão de classificação — eu não considere a classe de instrumento cunha. Somem-se os valores das cunhas aos machados e o claro predomínio das enxós deixa de o ser. Com certeza que um predomínio de enxós com uso de cunhas, em determinado grupo regional poderia ocorrer — veja-se o caso do estudo efectuado em Irian Jaya (Nova Guiné), onde foi possível apontar três grupos com tradições técnicas distintas (Pétrequin e Pétrequin, 2000, p. 374), cumprindo a mesma função do abate de árvores: um deles utilizava enxós, outro machados e um terceiro grupo (em área de transição) usava enxós no abate da árvore e machados para rachar o tronco. Curiosamente, não se mencionam cunhas pétreas mas sim o uso de lascas de madeira para a extracção de pranchas. Com certeza, isto é um exemplo de grupos “ditos-primitivos” do século XX, mas julgo que é pertinente.

Segundo Senna-Martinez (1989, p. 590, 595) o critério de atribuição para cunha baseia-se, sobretudo, no índice de alongamento elevado (peças pouco alongadas), peça com faces paralelas ou convergentes no gume, secção quadrangular e com talão truncado, normalmente com marcas de pancadas directas. O que dizer das dezenas de machados com os talões lascados ou mesmo rombos? Daí ter considerado irrelevante essa distinção. Mesmo

assim, perante a correlação dos dois índices detectei algumas peças que pareciam apontar para uma situação de cunha. Nessa situação ocorrem 3 peças: analisadas em detalhe, uma delas é claramente um pequeno machado, outra quase um martelo, outra poderia ser usada como cunha, não fosse o facto de nunca o ter sido — pois apresenta um talão truncado mas intacto (poder-me-ão dizer que poderia vir a ser!).

À parte do critério anterior, a dispersão da correlação dos índices de alongamento e espessura segue as tendências dos trabalhos apresentados por Senna-Martinez (1989, p. 583-588), inclusive a fronteira pouco demarcada, mas, simultaneamente, esclarecedora (Gráfico 5). As médias de, respectivamente, 14, 45 e 8 peças, apontam para as enxós 44 de IA e 22 de IE; para os machados 48 de IA e 33 de IE; e, para os martelos 57 de IA e 40 de IE. A um alongamento mais reduzido nestes últimos e, por consequência, maior espessura, não será estranho o facto de poderem ter uma origem provável nos dois primeiros, com maior probabilidade nos machados.

Menos elucidativa que os índices, a relação entre comprimento/largura (Gráfico 7) revela, ainda assim, algumas das mesmas tendências. Aliás, mesmo analisando estas duas dimensões separadamente em todas as peças possíveis (Gráfico 9 e 11), a distinção não é imediata, com excepção das enxós — estas apresentam em média um comprimento maior (113 mm) face a valores menores de machados e martelos (102 e 105 mm, respectivamente). Curiosamente a concentração dos comprimentos dos artefactos polidos da região do Zêzere (Pereira, 1999, p. 101) situa-se entre os 80 e os 112 mm. A média ligeiramente superior dos martelos surpreende, face ao pressuposto do parágrafo anterior, o que pode levantar a hipótese de re-afilamentos constantes dos machados, em vez da simples reutilização na percussão. Ou, se considerar que a largura média dos martelos (60 mm) é superior aos machados (48 mm) e enxós (47 mm), estamos perante peças que foram reutilizadas, mas sujeitas a uma selecção bastante criteriosa em que a robustez era fundamental.

Com as medições da espessura (Gráfico 13) e do peso (Gráfico 15) a imagem tornou-se mais distinta: a espessura de 32 enxós revelou-se em média mais fina (22 mm) contra 33 mm e 38 mm para os 83 machados e 8 martelos, respectivamente. Na região do Zêzere o agrupamento das espessuras dos instrumentos polidos regista-se entre os 10 e os 50 mm e, maioritariamente, nos 30-40 mm (Pereira, 1999, p. 104).

O peso segue uma tendência mais leve para as 14 enxós, com uma média de 248 g (ainda que com o valor mais excêntrico, de 860 g, subisse a média para 292 g), contra os 45 machados e 8 martelos com, respectivamente, 339 e 512 gramas de média. Ressalve-se o maior peso dos martelos, que cuja qualidade peso seria algo importante para a sua função.

Nos **Outros** instrumentos polidos verifiquei tendências semelhantes e correspondentes nos vários critérios enunciados (Gráfico 6, 8, 10, 12, 14 e 16), ainda que se possam detectar algumas excepções, que atribuo à reduzida amostragem.

Olhando para outros critérios diferenciadores, a secção longitudinal (Gráfico 17) revelou a frequência habitual nos machados com 61 (65%) biconvexos, enquanto as enxós tendem para secções côncavo-convexa e plano-convexa (22/62%).

A secção transversal (Gráfico 19) poligonal revelou-se largamente predominante em todos os tipos de instrumentos, ainda que seja de notar 13 (14%) machados e 8 (67%) peças indeterminadas com secções arredondadas. Considerando a secção arredondada como testemunho de peças mais antigas, o que não é consensual (Enríquez, 1990, p. 217), aqui, parece-me que estas peças, já em número residual, conviveram com a maioria. Ou, então, fiel à dúvida já referida noutro capítulo, essas peças serão vestígios de ocupações mais antigas, que a prospecção superficial não conseguiu deslindar. Ainda que de uma região

arqueológica distinta, a tendência evolutiva de peças com secção arredondada para uma poligonal é também visível na Alta Alsácia (França), apontando os autores uma razão predominantemente pragmática — produzir mais em menos tempo (Pétrequin e Jeunesse, 1995, p. 61). Os exemplos mais próximos apontam uma tendência semelhante, tanto na bacia média do Guadiana (Enríquez, 1990, p. 217) ou na região da Serra de Ossa, onde a presença de secção arredondada tende a diminuir quando se começam a registar habitats com pratos e taças espessadas, atribuíveis a momentos do Neolítico final e Calcolítico (Calado, 1995, p. 117-119).

A relação entre tipo de instrumento, a secção e o polimento revelou a tendência para a economia de tempo e esforço. As enxós e os machados, maioritariamente com secções poligonais, tendem a apresentar polimentos parciais nas faces (respectivamente 17 (50%) e 46 (51%)), seguindo-se o polimento parcial nas faces e bordos (7/21% e 17/19%), registando-se algumas poucas peças com polimentos só no gume e outras com polimentos integrais — a menor presença deste último tipo deverá resultar da menor necessidade de polimento em peças com secção poligonal.

Outra clara distinção entre machados e enxós revelou-se no bisel do gume (Gráfico 21), respectivamente, com tendência simétrica (88/94%) e assimétrica (31/86%).

A linha do gume (Gráfico 23) revelou uma tendência para a convexidade tanto em enxós como nos machados, apesar do primeiro tipo de instrumento apresentar algumas peças com linhas rectas. A convexidade assimétrica é a mais frequente, mas com um destaque relativo.

Abordando a questão do estado do gume (Gráfico 25), apenas registei um machado com o gume intacto. A maioria das enxós e machados apresentavam os seus gumes com sinais de uso ou intenso uso. Por fim o estado rombo, verificou-se também bastante acentuado, sobretudo se considerar ainda uma ressalva nesta classe: 3 de 6 enxós e 17 de 41 machados com gumes considerados rombos, poderiam facilmente ser classificados como martelos, não fossem algumas características que permitem todavia enquadrá-los nas referidas classes. Assim, tendo em conta o que já foi referido atrás, julgo estarmos perante um uso pragmático dos instrumentos polidos — perdendo a sua capacidade de corte, a peça continua a ser usada encabada, ou mesmo sem o ser (talvez não!), como percutor — se encabada chamo-lhe martelo, perdendo o cabo, passa a simples percutor, o que a realidade analisada irá demonstrar no grupo desses instrumentos.

Por fim, o estado do talão (Gráfico 27) revelou algumas pistas sobre as intensidades de uso dos instrumentos de pedra polida. Primeiramente, o facto de na maioria das peças não ter sido possível registar este descritor (22 enxós/61% e 45 machados/48%), parece apontar uma fracturação bastante elevada dos talões. Mas o que terá acontecido aos talões que se quebraram? Julgo que a hipótese levantada por J. Pereira (1999, p. 95), segundo o qual as partes com gume são mais facilmente detectadas nas recolhas, deve ser considerada.

Nos talões em que foi possível aferir o seu estado ressaltou o lascamento e romboidade dos talões de machados (34/36%), o que poderá indicar uma utilização como cunha (Calado, 1995, p. 121) em determinado momento de vida útil da peça, ou durante toda a sua vida, consoante o tipo de encabamento do instrumento polido — caso o encabamento da peça fosse com o talão saliente, como julgo que parte dos machados seria, esta hipótese terá mais cabimento. No entanto, não posso descartar a hipótese de um simples uso como percutor, após o seu desencabamento. Dos 14 talões de enxós (42%) que foi possível observar verifica-se que as marcas de pancadas são mais reduzidas. O tipo de encabamento que estas peças teriam explica parcialmente isto, mas devo lembrar a elevada percentagem de enxós em que não foi possível analisar o talão, porque este se fragmentou — isso poderá dever-se à sua menor robustez. Por outro lado, como abordarei adiante, algumas peças poderiam



enquadrar-se no tipo formão — ora, podendo este tipo ser percutido, a ausência de talões explicar-se-ia pela sua eventual facturação.

Os atributos acima tratados foram também abordados nos **Outros**, seguindo genericamente as mesmas tendências (Gráfico 18, 20, 22, 24, 26 e 28).

O formato do plano dos instrumentos de pedra polida foi considerado por mim menos relevante considerando a premissa de que as enxós e os machados têm necessariamente de possuir um estreitamento na área do talão que permita um encabamento eficaz, independentemente da miríade de formas mais triangulares, trapezoidais, rectangulares ou oblongas, ainda que a minha impressão seja a de uma maioria que se aproxima do grupo trapezoidal. Relacionando esta assunção com os comprimentos razoáveis das peças leva-me a suspeitar de encabamentos embutidos ou com o talão saliente, o que poderá explicar as ausências da parte proximal ou do seu desgaste. Finalmente, seguindo a leitura do casal Pétrequin (2000, p. 376) a variedade de formas dos instrumentos polidos parece apontar para um fabrico pouco estandardizado alargado à maioria dos homens desta comunidade.

Um tipo de peça, o formão/escopro, não necessitaria de encabamento, o que o levaria a apresentar uma forma mais sub-rectangular ou oblonga. Neste grupo poderia incluir algumas peças classificadas como enxós: a peça POMB(00)85 (Fig. 21: 7; 49: 1), mas encontra-se fracturada, pelo que mantenho algumas reservas; a peça POMB(00)75 (Fig. 21: 6; 49: 1) seria uma variante ampliada da primeira; também, a enxó POMB(99)8 (Fig. 51: 1-2) poderia enquadrar-se como formão, assemelhando-se a peças apontadas para a Alta Alsácia (Pétrequin e Jeunesse, 1995, p. 81-82). Juntaria ainda, a este possível conjunto, as peças POMB(98)45 e POMB(99)19, apenas com partes meso-distais (Fig. 51: 1-2). Por fim, a peça POMB(99)18, classificada como machado, talvez pudesse também ingressar nesse conjunto (Fig. 51: 1-2). Portanto, registaríamos 6 peças com características para classificação como formão/escopro, não fosse o caso de poderem ingressar noutros tipos de instrumentos de pedra polida. Mesmo assim, recorrendo, uma vez mais, à analogia etnológica, o número reduzido deste tipo de peça poderia estar associado à sua função especializada: no povo Wano, aldeia de Ye-Ineri, o *ciseau* (formão) é possuído por apenas alguns homens, que os emprestam pontualmente para o talhe do encaixe da lâmina do machado ou outros trabalhos na madeira (Petrequin e Petrequin, 2000, p. 129). Por outro lado, voltando à Alta Alsácia (Petrequin e Jeunesse, 1995, p. 81-82), este tipo de instrumento concentrava-se em maior número nos habitats próximos das áreas extractivas — até que ponto essa assumpção seria plausível no Alto Alentejo? Só com mais estudos acerca do assunto!

A peça POMB(00)56 (Fig. 21: 1; 48: 3), com um peso de 860 g, também me suscita dúvidas. Apresentando características de enxó, as suas dimensões também lhe permitiam uma função de sacho, o que poderia explicar a romboidade do seu “gume” e a quase ausência de polimento.

Finalmente, a peça 997.28.136 (Fig. 20, p. 9; 48: 2), incluída no grupo de indeterminados, apresenta aquilo que deveria ser um ponto distal totalmente boleado ou polido e o seu talão encontra-se bastante massacrado. Existem algumas referências a peças com estas características (Hurtado, 1984, p. 64; Cardoso, 1994, Fig. 106 *apud* Calado, 1995, p. 119), mas as incertezas das interpretações e a fragmentação parcial da peça leva-me a deixar este assunto por aqui.

Com certeza que seria possível registar mais atributos e elaborar mais classes, retirando daí mais informação, mas não é meu objectivo efectuar um estudo aprofundado da/s funcionalidade/s dos instrumentos polidos, mas sim apontar as tendências gerais destes, possibilitando a busca de paralelos crono-culturais.



#### 4.2.2.2. Recipientes e placas

Na área do Pombal foi recolhido por João Peixe, filho, um fragmento de um almofariz (Fig. 29: 3; 54: 3), sem decoração, de calcário cristalino (classificado por Fernando Real), matéria-prima existente em abundância próximo do povoado. Esta peça enquadra-se nos artefactos votivos de calcário, neste caso particular um pequeno recipiente, que, normalmente, surgem em necrópoles ou até nos próprios povoados calcolíticos. Concentram-se na Estremadura, mas podem encontrar-se noutras regiões do Sul de Portugal (Gonçalves, 1995, p. 160 e 1997). Esta aglomeração estremenha é tal, e tão diversificada, que V. Gonçalves (1995, p. 160) defende a sua origem naquela região. Mais próximos podem apontar-se os materiais votivos de *La Pijotilla* (Hurtado, 1984 e 1985; Enríquez Navascués, 1990, p. 221) ou de Perdigões (informação de Miguel Lago).

Há ainda dois fragmentos de 2 placas (Fig. 29: 4-5; 54: 1-2), uma em anfíbolito e outra em xisto, ambas sem decoração. Peças deste tipo são apontados por M. Calado (1995, p. 125) nos povoados da Serra d'Ossa, de Salgada e de S. Pedro, atribuindo-lhes uma cronologia do Calcolítico pleno. Uma outra, de xisto luzente, talvez do mesmo cariz, foi encontrada no exterior da anta da Serrinha, juntamente com placas de xisto e outros materiais, provavelmente resultantes de uma violação anterior.

#### 4.2.3. A pedra afeiçãoada

Os instrumentos inseridos no grupo da pedra afeiçãoada inserem-se em dois grandes grupos: por um lado, os percutores, usados numa acção de percussão e, por outro, as mós usadas numa acção abrasiva, de farinação ou de esmagamento.

##### 4.2.3.1. Os percutores

Perfazendo um total de 76 peças, 18 do MNA e as restantes das prospecções efectuadas, a maioria dos percutores (*pap*) apresenta-se inteira (62/82%) contra apenas 14 registos fragmentados (18%). Ressalve-se que para atribuir a condição de inteiro a este tipo de objecto precisei de algum bom senso (não será assim com tudo em Arqueologia?), pois a percussão contribui para que o utensílio se vá quebrando, apresentando-se quase sempre com cicatrizes recentes, mas mantendo a sua forma geral, com a qual chegou até nós (FIG. 24-28; 55-58).

De acordo com os critérios estabelecidos, a morfologia esferoidal é aquela mais registada (25/33%), seguida pela achatada (21/28%) (Gráfico 29), o que parece seguir a tendência apresentada por V. Gonçalves (1989, p. 129 e 221) nos sítios dos Cerros do Castelo de Corte de João Marques e de Santa Justa, mas difere daquela apontada por L. Rocha (1996, p. 93-94 e 1999, p. 84-85) na região de Pavia, para o povoado de Monte de Oliveiras 4, onde os esferoidais e os achatados são presença reduzida (respectivamente 6% e 16%), quando comparados com as morfologias irregulares e alongadas (53% e 24%). Essa tendência parece ainda ocorrer nos restantes habitats estudados de Pavia. No Pombal, as formas discoidal e irregular apresentam ainda valores razoáveis (respectivamente 14/18% e 10/13%), sendo o formato alongado algo raro (4/5%). O registo deste povoado confirma-se nos restantes **Outros** sítios da área analisados (Gráfico 30). Com certeza, o formato esferoidal será um “produto final” do uso de uma peça mais irregular como percutor mas, ainda assim, julgo que as morfologias apresentadas representam genericamente os tipos detectados no universo estudado, independentemente da sua fase de uso.

Seguindo a tendência também já apontada por outros autores (Gonçalves, 1989, p. 129 e 221; Calado, 1995, p. 121; Rocha, 1996, p. 93, 1999, p. 84), o quartzo surge como a matéria-prima preferida (Gráfico 31 e 32), a que não será estranha a abundante presença filoniana deste mineral na área de estudo, assim como nas áreas estudadas por aqueles investigadores. O segundo grupo mais numeroso é o de rochas anfíbolíticas, o que deverá ser resultado do uso de rochas de origem local — por outro lado a reutilização de instrumentos de pedra polida em anfíbolito surge evidenciada em cerca de 9 peças. Por fim, a presença de quartzito, quase sempre em seixos, é minoritária. Curiosamente, nos sítios mais próximos do Guadiana (onde os seixos rolados de quartzito abundam), M. Calado (1995, p. 121) salienta o aumento da presença desta rocha. Assim, penso que a escolha da matéria-prima para este tipo de instrumento estará condicionada pela geologia disponível, ainda que se possa registar uma preferência aparente pelo quartzo.

O registo do peso, independentemente da massa que diferentes matérias-primas possam ter, revelou alguns aspectos curiosos: a média do peso de 60 peças do Pombal saldou-se nos 447 gramas (em 23 percutores de **Outros** registei a média de 496 g), ainda que se verifique uma concentração de utensílios entre os 300-600 gramas, o que coincide genericamente com as classes 2 e 3 de L. Rocha (1999, p. 85), correspondendo a pesos entre os 251-750 gramas. Os percutores mais leves apresentam 50 e 80 gramas, iniciando-se a concentração pelos 200 g. Quanto a “pesos pesados” destas peças, estes são residuais, com 895 e 945 g.

Procurando relacionar a forma com o peso (Gráfico 33), as médias dos percutores irregulares e esferoidais, respectivamente 518 e 498 g, parecem afastar-se dos achatados (421 g) e dos discoidais (407 g). Os alongados apresentam a média mais baixa, 248 g, mas a sua amostra é diminuta. Um significado para essa situação? Falarei dele mais abaixo. No entanto, há que salientar os resultados dos percutores de **Outros**, um pouco mais homogêneos, ainda que provenientes de diversos de sítios (Gráfico 34).

Como já foi afirmado acima, a forma esferoidal resulta de “*uma judiciosa utilização do utensílio, que deveria oferecer uma nova superfície em cada acção de percussão. Desgastar-se-ia, assim, de forma equilibrada*” (Gonçalves, 1989, p. 129). Restava então verificar que superfícies/áreas da peça foram utilizadas e qual a relação da sua frequência de uso com a sua forma. Assim, partindo das classes referidas na metodologia verifiquei que o domínio de traços de uso se registam nas arestas (73 casos/96%) ou, em casos residuais, nas arestas e faces (3 casos/4%). Os vestígios de uso só nas faces não se constataram.

Depois de assinaladas as áreas de uso, os resultados da frequência ou intensidade desse uso corresponderam ao esperado (Gráfico 35), pois os esferoidais e os discoidais apresentam-se muito usados, enquanto os alongados e os irregulares estão apenas usados. Os achatados também apresentam uma maioria relativa de usados, ainda que se registem alguns casos muito usados. De qualquer forma, a sua morfologia, mais adaptada a uma fácil apreensão, limitava as áreas de percussão às extremidades opostas, no eixo maior. No momento em que as restantes arestas eram usadas, a peça ganhava gradualmente um esboço discoidal. Exemplo dessa evolução é a peça POMB(98)79 (Fig. 55: 2) que, depois de utensílio em pedra polida, se tornou um mero percutor, no início, provavelmente, usado nas extremidades, depois num dos seus bordos, esboçando a forma discoidal.

Os **Outros** seguem as mesmas tendências nas relações uso e frequência/forma da peça (Gráfico 36).

A análise dos instrumentos de pedra polida já indiciava a situação referida atrás: depois de perderem a sua função original, os instrumentos polidos são reusados como martelos e percutores. Se inicialmente apenas nas suas extremidades proximal e distal, gradualmente regista-se o uso das restantes arestas disponíveis.

Outra questão resulta do uso de rochas anfibólicas como percutores: utilizando o exemplo do estudo de Irian Jaya, aí assistimos ao aproveitamento como percutor de restos do talhe do esboço de futuros instrumentos de pedra polida (Pétrequin e Pétrequin, 2000, p. 324). Ainda que não o possa comprovar na íntegra, uma vez mais esta analogia torna-se pertinente, mesmo quando saliento o uso de rocha local, neste caso anfibolito.

Também o uso maioritário do quartzo coloca a dúvida — dever-se-á só à sua abundância? Em Irian Jaya o povo usa uma rocha especial, proveniente de uma área limitada, na preparação das peças polidas (Pétrequin e Pétrequin, 2000, p. 324). Para verificar se tal poderia ocorrer no caso em estudo haverá necessidade de estudos petrológicos, inventariação da informação disponível acerca destas peças e registo dos resultados em arqueologia experimental, tarefa ainda por realizar.

As diferentes morfologias, pesos e um preponderante desgaste das arestas, levantam também a questão da funcionalidade destas peças: V. Gonçalves (1989, p. 126-129) salienta a “*natureza eminentemente não especializada destes utensílios*”, ainda que adiante uma função de picotagem das superfícies activas de dormentes e moventes e esmagamento do mineral de cobre (o que não parece ter sido corroborado pelas análises efectuadas); para M. Calado (1995, p. 121), além das hipóteses anteriores, estas peças seriam utilizadas na percussão de machados, em situação de cunhas (situação já apontada na análise dos instrumentos de pedra polida).

À parte da questão da mineração, por falta de evidências, julgo que as outras hipóteses são pertinentes e plausíveis: a picotagem de mós seria tarefa essencial para a sua eficácia abrasiva; a real presença/associação de percutor/machado (ou outros instrumentos polidos) em sítios do Neolítico final — Calcolítico, parece ser consistente com uma percussão nos talões de machados como cunhas, de formões ou mesmo enxós (com as ressalvas apontadas noutro capítulo). Contudo, recorrendo uma vez ao estudo de Pétrequin (2000, p. 319), penso que a bojardagem e a picotagem dos instrumentos polidos deveria ocupar uma percentagem significativa destes utensílios — mais ainda se considerarmos que depois da chegada dos esboços de potenciais peças polidas ao povoado, o trabalho de lascagem e picotagem exigia diversos tipos de percutores: esferoidais, mais pesados, para a bojardagem, discoidais ou alongados para trabalhos mais delicados de picotagem — por sua vez esses utensílios não eram descartados podendo servir noutros momentos. Acontece que essas morfologias ocorrem no registo arqueológico, não se podendo negar tal possibilidade.

Finalmente, a questão do uso das arestas limita a funcionalidade dos percutores: nas tarefas atrás referidas, as arestas são as superfícies mais adequadas a esses trabalhos, visto permitirem uma maior resistência aos impactos e simultaneamente uma certa precisão. O esmagamento ou a quebra de alimentos (tipo nozes e bolotas) teria melhores resultados se fossem utilizadas as faces — no entanto a análise das peças nega esta hipótese.

Assim, os percutores, ainda que sejam utensílios expeditos, com as suas potenciais funções e o seu uso no tempo, tornam-se quase um artefacto, considerando as alterações sofridas. Todavia, quando atingem a sua forma mais esferoidal parece perderem as qualidades iniciais, podendo admitir-se que assumem então outras funções, são reavivados (podendo os pequenos fragmentos com intenso uso ser o resultado dessa prática) ou são simplesmente descartados.

Alguns dos percutores analisados no conjunto **Outros** são achados isolados ou dispersos, portanto de sítios que não foi possível caracterizar melhor ou, pelo menos, levantam sérias reservas, até novas evidências. Contudo, em alguns casos, inclusive nos povoados, juntamente com esses utensílios expeditos, também recolhemos instrumentos de pedra polida, apesar das cerâmicas e outros elementos estarem ausentes ou serem minoritários. Julgo que a dimensão, durabilidade e visibilidade destes materiais líticos permitem a sua fácil detecção, algo que já foi salientado por outros autores (Calado, 1995, p. 121; Rocha,

1996, p. 84-85), em detrimento de outros materiais. No entanto, a tendência para a associação entre percutor/instrumento polido, atribuída cronologicamente a momentos do Neolítico final — Calcolítico (Calado, 1995, p. 121; Rocha, 1999, p. 84), poderá servir para a classificação de sítios menos clarificados — seguindo as funcionalidades presumidas: local de habitat, área de abate intenso de árvores em dado momento e, “solucionando os casos insolúveis”, são peças utilizadas pontualmente e/ou perdidas pelos seus portadores.

#### 4.2.3.2. Elementos de moagem

Os elementos de moagem (*paem*) do Pombal totalizaram 26 peças, 12 mós dormentes e 14 mós moventes. De **Outros** sítios, registei apenas 2 moventes de Manteigas 2, e 4 peças de Santo António 3, 2 dormentes e 2 moventes.

Os dormentes do Pombal encontram-se na sua maioria fragmentados (8/67%) contra apenas 4 (33%) que aparentam estar inteiros (FIG. 59:1-2). O eixo máximo deu a média de 338 mm, sendo 260 mm o valor mais baixo e 420 mm o mais elevado. O eixo mínimo deu a média de 235 mm, respectivamente com 130 mm e 350 mm. As secções longitudinais/transversais pautaram-se pela heterogeneidade: 4 com uma superfície activa bicôncava, 3 biplanas, uma plano-côncava e uma biconvexa. Não identifiquei sinais de reutilização.

Os moventes apresentaram uma tendência similar aos dormentes, com 10 fragmentados (71%) e 4 inteiros (29%). Estes últimos deram uma média de 83 mm do eixo máximo e de 44 mm do eixo mínimo. As secções longitudinais/transversais apresentaram-se mais homogêneas, com 4 biconvexas e 2 biplanas. Foram detectados sinais de reutilização em 8 peças: 4 com sinais de percussão nas extremidades e as restantes 4 com sinais de percussão nas extremidades, topo e superfície activa. Curiosamente, 4 moventes apresentam duas superfícies activas, ainda que só em 2 deles se registam sinais de uso em ambas as faces.

Nos **Outros**, dada a escassez da amostragem remetemos a consulta dos atributos para a matriz, ainda que seja curioso notar em Santo António 3 as maiores dimensões das duas mós dormentes o que as destacam das suas congéneres do Pombal: apesar do eixo longitudinal estar reduzido a dois terços, a peça SANT3(97)26 (FIG. 58: 3) apresenta de eixo máximo 540 mm e eixo mínimo 480 mm; a peça SANT3(97)1-2 tem 470 mm de eixo máximo 300 mm de eixo mínimo.

A matéria-prima é, quase totalmente, da família dos granitos, pois uma breve análise mostra não serem exactamente todos do mesmo tipo, pressupondo importações de várias manchas geológicas. Os únicos 3 exemplares distintos são de rocha anfibólica.

Ainda acerca da reutilização, como já foi referido, apenas se o detectou em moventes. E, entre estes, apenas alguns apresentavam desgastes centrais nas superfícies activas e de topo. A explicação para essa evidência tem passado pela sua reutilização como bigorna, enquanto plataforma para a actividade de talhe lítico (Valera, 1998, p. 106, 124-125). Pela fraqueza dos meus dados, apenas registo a ausência de dormentes (nomeadamente os mais aplanados) com esta reutilização, ainda que, provavelmente, mais estáveis. Depois, se alguns moventes apresentam as suas extremidades percutidas (com o eventual uso de percutores), o esmagamento de frutos duros, por exemplo, também poderia provocar a pequena depressão sub-circular.

De qualquer forma, face à amostragem apresentada, é patente a actividade de farinação, com grande probabilidade, de cereais cultivados pelas populações de então, sem que isso os impedisse de reusar os seus utensílios noutras tarefas. Segundo outros autores (Acosta e Pellicer, 1990) essa farinação poderia estar associada à bolota, o que, dada a sua forte presença não deverá ser possibilidade descartada, pelo menos até um estudo aprofundado de vestígios, até hoje inexistente.